



CULTURA

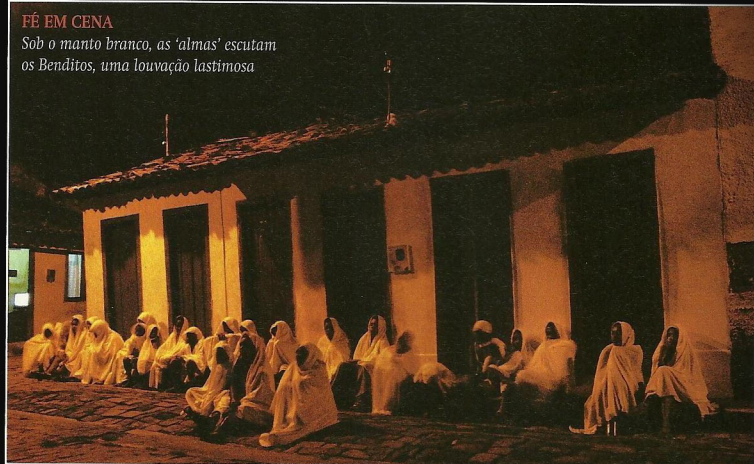
Canto das **ALMAS**

*Um vilarejo de pedra situado na Chapada Diamantina
revive cerimônia tradicional da Semana Santa,
de grande beleza cênica, em busca de um significado
maior para a vida e para a morte*

texto e fotos ANDRÉ DIB

FÊ EM CENA

*Sob o manto branco, as 'almas' escutam
os Benditos, uma louvação lastimosa*



ALMAS CONSOLADAS

O cortejo passa pelo cemitério (pág. anterior) e termina em frente à igreja, um dos símbolos do vilarejo de pedra, onde os espíritos aquietados voltam aos seus lugares



Um canto lastimoso ecoa pelo vale do rio Paraguaçu. Envolta em seu manto branco na feição de mortalha e iluminada pela lua, Rita de Igatu vence o último lance da subida no Morro do Cruzeiro. Ela compõe, com dezenas de pessoas, o cenário insólito do Canto das Almas. É Semana Santa em Xique-xique de Igatu. O vilarejo de pedra encravado na Chapada Diamantina, no município baiano de Andaraí, guarda em suas ruínas vestígios de um tempo de fartura. Dali se tirou muito diamante no Século 19 até vir o declínio desse ciclo econômico, já no Século 20.

Nos rostos marcados cintilam as luzes dos candeieiros, ao ritmo das preces entoadas em coro, criando a atmosfera sacra e sugerindo serenidade às almas atontadas dos antepassados, que viveram nas agruras do garimpo a esperança de tempos melhores. A vila foi uma das cidades mineradoras mais prósperas da Bahia e chegou a ser povoada por mais de 4 mil pessoas. Com o fim do garimpo, cada um seguiu seu destino, deixando para trás, entre os escombros, sonhos de riqueza, decepções e detalhes de uma história viva apenas na memória dos poucos que ficaram.

Hoje são cerca de 400 habitantes. E eles fazem questão de manter a tradição do Canto das Almas durante a Quaresma e a Páscoa, a maior festa cristã, símbolo da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. São 5 cantos, entoados sempre às segundas-feiras, durante a Quares-

ma, e todos os dias da semana que antecede à Páscoa — a Semana Santa — no alto dos morros, grutas, cruzeiros, em frente à igreja ou no antigo cemitério dos leprosos.

O silêncio entremeia os cantos, rompido somente pelos estalos da matraca, tocada no início e no fim de cada reza por uma solista que lidera o grupo. Ela puxa o canto para acalmar os espíritos dos afogados, assassinados, leprosos ou dos aflitos que não tiveram a serenidade de uma morte natural. Geralmente o cortejo começa no alto do Morro do Cruzeiro, segue as ruínas contornando o cemitério em direção à igreja. As almas, segundo Rita de Igatu, são 'acordadas' com os primeiros toques da matraca e se acomodam sob os mantos brancos para escutarem a louvação. Na última parada, retiram-se os lençóis, então balançados três vezes para que os espíritos aquietados voltem a seus lugares.

A cerimônia se repetiu durante séculos, mas foi interrompida em meados dos anos 1950 e resgatada apenas há 6 anos, graças ao interesse do artista plástico Marcos Zaccarias. Ele buscou na memória das anciãs as rezas cantadas, criadas pelas antigas gerações e chamadas Benditos. Agora, ano a ano cresce o número de adeptos, atraídos pela beleza cênica da cerimônia e pela fé dessa terra longínqua, no cortejo formado por pessoas simples, profundas, em busca de um significado maior para a vida e para a morte e de alívio para o sofrimento humano.



FÉ, NATUREZA E LIMITES

texto EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA, AUTOR DO *GUIA DE CURIOSIDADES CATÓLICAS*, Ed. VOZES, 2007

A Semana Santa tem muito a ver com Ecologia. Os cristãos relembram a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, duran-

te os 40 dias da Quaresma, culminando na semana da Páscoa. É um tempo silencioso, em que as pessoas se absterem de comer carne e se impõem outros limites, pois, para crescer, é necessário aceitar os limites e enfrentar as adversidades. É no húmus das dificuldades, derrotas e fracassos que ocorre a verticalização das árvores humanas. Quem sabe crescer — elevar-se sobre o solo dos limites — faz das adversidades um adubo.

A Semana Santa é, portanto,

um tempo para vivenciar e aceitar limites, inclusive os limites de saber, no uso de nossa potência tecnológica e econômica. Sem limites, o humano faz da natureza uma vítima. Sabendo respeitar limites, faz dela uma aliada.

O máximo da limitação para os cristãos ocorre na Sexta-feira Santa, o único dia do ano em que não se celebram missas em igrejas. É dia de jejum. Para a tradição popular, o diabo anda solto. Andar à noite, nem pensar. Viajar, idem. É arriscadíssimo desrespeitar esse dia santo de guarda, principalmente trabalhando, cortando mato, derrubando árvores ou capinando. Até os animais

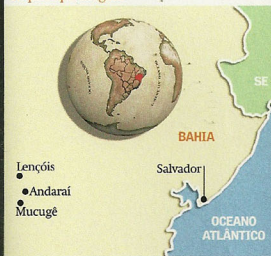
sabem disso. Para protegerem seus donos de uma profanação da Sexta-feira Santa, são capazes até de falar, conforme se conta por aí em muitas histórias católicas, como a do Boi Falô. O dia é uma espécie de 1º de maio católico, mais antigo.

O sentido sabático e sagrado da Sexta-feira Santa — de denúncia da violência contra a natureza e a vida, contra a matança dos inocentes da Criação — foi plenamente captado e traduzido pelo maestro Tom Jobim em sua composição *Borzeguim*:

“Deixa o mato crescer em paz
Deixa o mato crescer
Deixa o mato
Não quero fogo, quero água
(deixa o mato crescer em paz)
Não quero fogo, quero água
(deixa o mato crescer)
Hoje é Sexta-feira da Paixão
Sexta-feira Santa...”

ONDE FICA

Xique-xique de Igatu



Localizada no município de Andaraí, no limite oriental do Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia, a pequena comunidade de Xique-xique de Igatu fica entre Mucugê (25 km) e Lençóis (114 km), a 407 km da capital baiana, Salvador.

NOITE DAS ALMAS

O cortejo passa pelas ruelas do vilarejo, espalhando o canto que acalma as almas atormentadas dos antepassados

